



# “Fraternidade e amizade social” De um “mundo fechado” a um “mundo aberto”

“Brotherhood and social friendship”  
From a “closed world” to an “open world”

*Francisco de Aquino Júnior\**

UNICAP e FCF

Recebido em: 19/10/2023. Aceito em: 07/11/2023.

**Resumo:** *Em sintonia com a Carta Encíclica Fratelli Tutti “sobre a fraternidade e amizade social” do Papa Francisco e em resposta ao contexto de polarização, ódio, violência e indiferença que marca nossa sociedade, a Campanha da Fraternidade 2024 tem como tema “Fraternidade e amizade social” e como lema “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). Para ajudar no aprofundamento desse tema, o presente artigo, em forma de ensaio, retoma a reflexão do Papa Francisco na Encíclica Fratelli Tutti a partir da contraposição que estrutura e constitui o cerne de sua reflexão: em meio às “sombrias de um mundo fechado” (lógica do egoísmo) está a tarefa de “pensar e gerar um mundo aberto” (lógica da fraternidade). Isso se justifica pelo fato da encíclica ser a inspiração e a referência maiores dessa Campanha da Fraternidade e por oferecer uma abordagem da fraternidade que não se restringe ao âmbito das relações interpessoais e da cultura, como acontece no Texto Base da Campanha da Fraternidade, mas assume também o âmbito das macrorrelações sociopolíticas e econômicas. O propósito fundamental desse ensaio é mostrar como a fraternidade, tal como é compreendida e proposta na encíclica Fratelli Tutti, diz respeito tanto às relações interpessoais quanto às estruturas da sociedade e, assim, constitui-se como horizonte e dinamismo de enfrentamento dos grandes problemas e desafios de nosso tempo e de construção de uma nova sociedade.*

**Palavras-chave:** *Campanha da Fraternidade; Fratelli Tutti; mundo fechado; mundo aberto; egoísmo; fraternidade.*

\* Doutor em Teologia (Westfälische Wilhelms-Universität Münster – Alemanha, 2009). Professor de Teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e do PPG-TEO da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte, CE.

E-mail: [axejun@yahoo.com.br](mailto:axejun@yahoo.com.br).





**Abstract:** *In line with Pope Francis' Encyclical Letter Fratelli Tutti “on fraternity and social friendship” and in response to the context of polarization, hatred, violence and indifference that marks our society, the Fraternity Campaign 2024 has as its theme “Fraternity and social friendship” and as a motto “you are all brothers” (Mt 23,8). To help deepen this topic, this article, in the form of an essay, takes up Pope Francis' reflection in the Encyclical Fratelli Tutti based on the contrast that structures and constitutes the core of his reflection: amidst the “shadows of a closed world” (logic of selfishness) is the task of “thinking and creating an open world” (logic of fraternity). This is justified by the fact that the encyclical is the main inspiration and reference of this Fraternity Campaign and because it offers an approach to fraternity that is not restricted to the scope of interpersonal relationships and culture, as happens in the Basic Text of the Fraternity Campaign, but assumes also the scope of socio-political and economic macro-relations. The fundamental purpose of this essay is to show how fraternity, as understood and proposed in the encyclical Fratelli Tutti, concerns both interpersonal relationships and the structures of society and, thus, constitutes a horizon and dynamism for facing major problems and challenges of our time and the construction of a new society.*

**Keywords:** *Fraternity Campaign; Fratelli Tutti; closed world; open world; selfishness; fraternity.*

## Introdução

A Igreja no Brasil promove anualmente a Campanha da Fraternidade (CF)<sup>1</sup>. Nascida como uma das muitas iniciativas e experiências de renovação eclesial da Igreja de Natal nas décadas de 1950-1960 ou do que se convencionou chamar “Movimento de Natal”<sup>2</sup>, foi assumida como projeto pastoral em nível nacional no contexto da renovação conciliar da Igreja<sup>3</sup>. De fato, a primeira CF aconteceu em 1962 na Arquidiocese de Natal. No ano seguinte, a iniciativa é assumida por outras dioceses na região Nordeste. E, a partir de 1964, foi assumida pela CNBB como projeto comum da Igreja no Brasil.

A CF acontece sempre durante a quaresma e no espírito quaresmal de chamado à conversão. Não é um desvio da espiritualidade quaresmal, mas sua concretização no campo social. É que a conversão a que somos

<sup>1</sup> PRATES, Lisaneos. *Fraternidade libertadora: Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>2</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das ceb's no Brasil*: Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 60-72; FREITAS, Maria Carmelita. *Uma opção renovadora: A Igreja no Brasil e o Planejamento Pastoral*. Estudo genético-interpretativo. São Paulo: Loyola, 1997. p. 50-58.

<sup>3</sup> CNBB. *Eras Tu, Senhor?* Texto Base: Campanha da Fraternidade 1995. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994. p. 87-89; PRATES, 2007, p. 22-35.



chamados: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15) não se restringe ao âmbito pessoal (conversão do coração), mas tem também uma dimensão social (transformação da sociedade). Toda a nossa vida (pessoal e social) deve ser transformada e configurada segundo os desígnios de Deus para a humanidade. O Evangelho tem uma dimensão social fundamental que não pode ser negada nem banalizada<sup>4</sup>. Daí que o chamado à conversão social que se dá mediante transformação das relações interpessoais e das estruturas da sociedade seja uma dimensão fundamental da fé cristã e da missão da Igreja. Daí que a CF não seja um desvio da espiritualidade e da liturgia quaresmais, mas sua expressão e concretização no campo social. Existe pecado pessoal, como existe pecado social. Por essa razão, deve haver conversão social, como deve haver conversão pessoal.

Ao longo desses anos todos, a CF tem se constituído como um caminho espiritual muito fecundo de tomada de consciência e de denúncia do *pecado social*, de chamado à *conversão social* da Igreja e da sociedade e de compromisso evangélico com a *construção de uma sociedade mais justa e fraterna*. Ela tem despertado a comunidade eclesial para a dimensão social da fé e da evangelização. Tem se constituído como exercício da missão profética da Igreja na sociedade. E tem desencadeado uma série de iniciativas na Igreja e na sociedade de afirmação da dignidade humana, de conquistas de direitos sociais e de cuidado da casa comum que são autênticos sinais e mediações do reinado de fraternidade, justiça e paz anunciado e inaugurado por Jesus de Nazaré.

A cada ano, a CF aborda um tema ou problema que compromete e ameaça a fraternidade eclesial e socioambiental e clama por conversão/transformação. O Texto Base da CF de 1995 (Fraternidade e os Excluídos) distingue três grandes fases na história da CF: uma fase voltada para a “busca da renovação interna da Igreja” (1964-1972); uma fase marcada por uma “preocupação com a realidade social do povo, denunciando o pecado e promovendo a justiça” (1973-1984); e uma fase voltada para as “situações existenciais do povo brasileiro” (a partir de 1985)<sup>5</sup>. Merece destacar nessa terceira fase, a realização ecumênica de cinco campanhas da fraternidade: 2000 (Dignidade humana e paz), 2005 (Solidariedade e paz), 2010 (Economia e vida), 2016 (Casa comum, nossa responsabilidade) e 2021 (Fraternidade e diálogo, compromisso de amor).

<sup>4</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 176-258.

<sup>5</sup> CNBB. *Eras Tu, Senhor?*, p. 90-92; PRATES, 2007, p. 54-68.



A CF 2024 acontece num contexto de crise e destruição sociopolítica, econômica, cultural e até religioso da fraternidade humana e do cuidado da casa comum, aprofundado pela ascensão da extrema direita com sua política neoliberal, seu ataque aos direitos humanos e a disseminação de um espírito de polarização, ódio e guerra. Em sintonia com a Carta Encíclica do Papa Francisco *Fratelli Tutti*: “Sobre a fraternidade e a amizade social” (FT)<sup>6</sup>, a CF de 2024 tem como tema: “fraternidade e amizade social” e como lema: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8)<sup>7</sup>.

O tema é amplo e complexo e pode ser abordado sob diversos aspectos. Mas há uma questão de fundo que constitui uma chave de leitura privilegiada tanto da Encíclica *Fratelli Tutti* quanto do Texto Base da CF. Trata-se do diagnóstico da situação atual e da resposta a essa situação. De fato, a *Fratelli Tutti* está estruturada a partir do contraste entre as “sombras de um mundo fechado” (individualismo) e o desafio e a tarefa de “pensar e gerar um mundo aberto” (fraternidade)<sup>8</sup>. Também o Texto Base da CF 2024 pode ser lido a partir do “diagnóstico” da situação atual (“alterofobia” ou “síndrome de Caim”) e do “remédio” para o tratamento e cura dessa doença (“amizade social”)<sup>9</sup>.

Mas, não obstante a profunda sintonia do Texto Base da CF 2024 com a Encíclica *Fratelli Tutti*, seu enfoque ou abordagem está centrado nas relações interpessoais e no âmbito da cultura, em detrimento das macrorrelações sociopolíticas e econômicas, nunca negadas e até afirmadas, mas não suficientemente consideradas e desenvolvidas. Basta ver quantas vezes e em que sentido aparecem as expressões pobre/pobreza, economia, mercado, política, opressão, injustiça etc. É a tendência mais culturalista que tem caracterizado os documentos da CNBB nos últimos tempos<sup>10</sup>. Nesse sentido, tem uma abordagem mais reduzida tanto do diagnóstico de ruptura da fraternidade quanto dos caminhos de construção da fraternidade no mundo atual.

<sup>6</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: Sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020. A partir de agora, os números entre parêntesis, sem outra indicação, remetem a esse documento.

<sup>7</sup> CNBB. *Campanha da Fraternidade 2024: Texto Base*. Brasília: CNBB, 2023.

<sup>8</sup> CAMACHO, Ildefonso. Leyendo *Fratelli Tutti* desde Europa. *Revista Iberoamericana de Teología*. Vol. XVIII, N. 34 (2022), p. 84.

<sup>9</sup> CNBB. *Campanha da Fraternidade 2024*, n. 76.

<sup>10</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco. “Novas” Diretrizes da Ação Evangelizadora: “Ajuste pastoral”!?. *Revista Eclesiástica Brasileira* 284 (2011), p. 926-931; AQUINO JÚNIOR, Francisco. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. *Perspectiva Teológica* 51 (2019), p. 539-554.



Por essa razão, abordaremos a problemática da “fraternidade e amizade social” a partir da Encíclica *Fratelli Tutti*<sup>11</sup>. E o faremos a partir do contraste entre a situação de um “mundo fechado” (individualismo) e o desafio de pensar e construir um “mundo aberto” (fraternidade). Ao mesmo tempo em que isso constitui o pano de fundo do Texto Base da CF 2024, alarga bastante seus horizontes por tomar em sério a dimensão socioestrutural do individualismo (diagnóstico) e da fraternidade (alternativa). Trata-se de uma leitura analítico-sistemática da *Fratelli Tutti*, cujo propósito fundamental é mostrar como a fraternidade, tal como é compreendida e proposta por Francisco, diz respeito tanto às relações interpessoais quanto às estruturas da sociedade e, assim, constitui-se como horizonte e dinamismo fundamentais de enfrentamento dos grandes problemas e desafios de nosso tempo e de construção de uma nova sociedade.

## 1 “As sombras de um mundo fechado”

O primeiro capítulo da Encíclica *Fratelli Tutti* chama atenção para “as sombras de um mundo fechado”. Francisco não tem a pretensão de “efetuar uma análise exaustiva nem levar em consideração todos os aspectos da realidade em que vivemos”, mas apenas destacar “algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” (FT 9). E faz isso sempre a partir os pobres e marginalizados que são as primeiras e maiores vítimas da ruptura da fraternidade ou da “opção preferencial pelos pobres” que está no coração do Evangelho de Jesus Cristo.

O ponto de partida é a constatação de que os esforços de integração desenvolvidos nas últimas décadas em várias regiões parecem “*sonhos desfeitos em pedaços*” (10-14): “Reaparecem conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos”(11); “abrir-se ao mundo” tornou-se sinônimo de “abertura aos interesses estrangeiros ou à liberdade dos poderes econômicos investir sem entraves nem complicações em todos os países”, criando uma cultura que “unifica o mundo, mas divide as

<sup>11</sup> PASSOS, João Décio. *Fratelli Tutti*: Uma encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes. *Horizonte* 59 (2021), p. 782-801; CAMACHO, Ildefonso. Encíclica sobre la fraternidade: Guía para la lectura. *Proyección* LXVIII (2021), p. 9-29; CAMACHO, 2022, p. 81-1022; NODARI, Paulo César. *Fraternidade e amizade social*: Uma introdução à leitura da Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2022; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Encíclicas sociais*: Um guia de leitura. São Paulo: Paulinas, 2023. p. 335-368.



peças e os povos” e na qual “a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais” (12). Isso “favorece também uma perda do sentido histórico que provoca uma desagregação ainda maior” (13) e constitui terreno fecundo para “novas formas de colonização cultural”, na qual se perdem, “juntamente com a própria fisionomia espiritual, a sua consistência moral e, por fim, a independência ideológica, econômica e política” (14).

Fato é que nos encontramos “*sem um projeto para todos*” (15-28): A estratégia do globalismo econômico é “semear desânimo e despertar uma desconfiança constante”, lançando mão do “mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar” e fazendo com que a política deixe de ser “um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos, limitando-se a receitas efêmeras de *marketing* cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro” (15); “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites” (18); “os direitos humanos não são iguais para todos”: “inúmeras formas de injustiça” (22), “mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência” (23), “condições semelhantes às da escravidão” (24); guerras/atentados/perseguições – “terceira guerra mundial em pedaços” (25); “a solidão, os medos e a insegurança de tantas pessoas [...] terreno fértil para o crime organizado” (28).

É o grande paradoxo do nosso tempo: “*Globalização e progresso sem um rumo comum*” (30-31). Certamente, há “avanços positivos [...] na ciência, na tecnologia, na medicina, na indústria e no bem-estar, sobretudo nos países desenvolvidos” (30). Mas também “se verifica uma deterioração ética que condiciona a atividade internacional e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade”, bem como “as graves crises políticas, a injustiça e a falta de distribuição equitativa dos recursos naturais” (29). Com isso, “esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade”, “o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parecem uma utopia de outros tempos”, “reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada” que nos faz esquecer que “nos encontramos todos no mesmo barco” (30). Vivemos juntos, mas não próximos. “Como seria bom se, enquanto descobrirmos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor” (31).

A tudo isso (como consequência e/ou agravante) se acrescentam “*as pandemias e outros flagelos da história*” (32-36). O que poderia ser



uma chance de mudança de rumo, não raramente se torna ocasião de radicalização do egoísmo e da exclusão social. Uma “tragédia global” como a pandemia da Covid-19 “despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos” (32). E, “se tudo está interligado, é difícil pensar que esse desastre mundial não tenha a ver como nossa maneira de encarar a realidade” – “é a própria realidade que geme e se rebela” (34). No entanto, “rapidamente esquecemos as lições da história, ‘mestra da vida’” e, aqui, “passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais em um consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta” (35). Não se deve ignorar que “o princípio do ‘salve-se quem puder’ traduzir-se-á rapidamente no lema ‘todos contra todos’, e isso será pior que uma pandemia” (36).

Particularmente dramática é a situação de quem vive “*sem dignidade humana nas fronteiras*” (37-41). É triste constatar como, “tanto na propaganda de alguns regimes populistas como na leitura de abordagens econômico-liberais, defende-se que é preciso evitar, a todo custo, a chegada de pessoas migrantes” e “limitar a ajuda aos países pobres para que cheguem ao ‘fundo do poço’ e decidam adotar medidas de austeridade”, esquecendo-se que “por trás dessas afirmações abstratas e difíceis de sustentar, há muitas vidas dilaceradas” (37): pessoas que “fogem da guerra, de perseguições, de catástrofes naturais” ou que “buscam oportunidades para elas e suas famílias” (37); que se tornam vítimas de “traficantes inescrupulosos, frequentemente vinculados a cartéis de drogas e armas” (38) e de mentalidade e sentimento xenófobos nos países de chegada, “muitas vezes fomentados e explorados para fins políticos” e, o que é mais grave, com o apoio de “cristãos” que sobrepoem “preferências políticas” às “convicções da fé” (39).

Um fator decisivo em todos esses processos é a “*ilusão da comunicação*” digital (42-50): Ao mesmo tempo em que “crescem as atitudes fechadas e intolerantes que [...] nos fecham em nós mesmo [...] reduzem-se ou desaparecem as distâncias, a ponto de deixar de existir o direito à intimidade” (42); “os movimentos digitais de ódio e destruição [...] não constituem [...] uma ótima forma de mútua ajuda, mas meras associações contra um inimigo”, sem falar no “risco de dependência, isolamento e perda agressiva de contato com a realidade concreta” (43); “a agressividade social encontra um espaço de ampliação incomparável nos dispositivos móveis e nos computadores” (44). “Não se pode ignorar que ‘no mundo digital estão em jogo enormes interesses econômicos,



capazes de realizar formas de controle tão sutis como invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático” (45). A verdadeira sabedoria pressupõe “encontro com a realidade” (47) e “capacidade de sentar-se para escutar o outro” (48).

Por fim, é importante insistir no perigo de “*sujeições e autodepreciação*” (51-53). Frente à tentação de tomar “países economicamente bem-sucedidos” como “modelos culturais para os países pouco desenvolvidos”, Francisco adverte que “essa nostalgia superficial e triste, que induz a copiar e comprar, em vez de criar, gera uma baixa estima nacional” (51). Não se deve jamais esquecer que “uma maneira fácil de dominar alguém é destruir sua autoestima”; que “por trás dessas tendências que visam uniformizar o mundo, afloram interesses de poder que se aproveitam da baixa autoestima, ao mesmo tempo que [...] procuram criar uma nova cultura a serviço dos mais poderosos”; que “ignorar a cultura de um povo faz com que muitos líderes políticos não sejam capazes de promover um projeto eficaz que possa ser livremente assumido e sustentado ao longo do tempo” (52); e, enfim, que “não há alienação pior do que experimentar que não se tem raízes, não se pertence a ninguém” (53).

Ao longo da encíclica, essas “tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” (9) vão sendo retomadas e concretizadas em diferentes contextos e em referência a diferentes problemas e desafios. Mas as indicações feitas no primeiro capítulo são suficientes para percebermos que não se trata de uma questão pontual fácil de se entender e menos ainda de se resolver. Está em jogo uma forma de conceber e configurar a vida humana em todas as suas dimensões, dinamizada pela lógica do “individualismo” (egoísmo, consumo, concorrência, sucesso, mérito, mercado), que não se reduz a uma questão pessoal nem às relações interpessoais, mas se materializa também nas relações e instituições sociopolíticas e econômicas.

Não podemos nos iludir nem simplificar a questão. O problema é o modelo ou padrão de civilização e de sociedade que se impôs no mundo: “um *modelo econômico* fundado no lucro que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem” (22); uma “*política* cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais” (12); uma *cultura*, na qual “esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade” e “reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada” (30). Tudo isso leva a um *mundo* em que “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de



viver sem limites” (18). É esse modelo de vida que destrói a fraternidade, reduz a natureza a mero recurso econômico, subordina o bem comum aos interesses do capital, torna as pessoas frias e insensíveis ao sofrimento dos outros, produz vítimas e descarta pessoas: pobres, negros, migrantes, mulheres, idosos etc.

Isso explica a crítica radical de Francisco a esse modelo de sociedade que tem no atual sistema capitalista, em sua versão globalizada, dinamizada pela lógica do mercado absoluto, sua expressão mais emblemática e trágica: 1) “O mercado, *per se*, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer nesse dogma de fé neoliberal”; 2) “o neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do ‘derrame’ ou do ‘gotejamento’ como única via para resolver os problemas sociais”, sem se dar conta de que “a suposta redistribuição não resolve a desigualdade, sendo, esta, fonte de novas formas de violência que ameaçam o tecido social” (168); 3) “o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer”, fazendo-nos crer que “tudo se reduz a deixar a rédea solta às próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum” (105). Francisco “ataca diretamente as quatro pilastras que sustentam o atual sistema mundial: o *mercado*, em termos de economia; o *neoliberalismo*, em termos de política; o *individualismo*, em termos de cultura; a *devastação da natureza*, em termos de ecologia”<sup>12</sup>.

E as razões dessa crítica radical também são muito claras no texto: “Essa cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações [...] torna-nos mais vizinhos, mas não nos faz irmãos” (12); “aumentou a riqueza, mas não a equidade” (21); “o princípio do ‘salve-se quem puder’ traduzir-se-á rapidamente no lema ‘todos contra todos’, e isso será pior que uma pandemia” (36); “se a sociedade se reger primariamente pelos critérios da liberdade de mercado e da eficiência, não haverá lugar para [as pessoas com alguma deficiência] e a fraternidade não passará de uma palavra romântica” (109); “o desenvolvimento não deve orientar-se para a acumulação sempre maior de poucos, mas há de assegurar ‘os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos’” (122); “o direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres, nem acima do respeito pelo ambiente” (122); “o

<sup>12</sup> BOFF, Leonardo. *Habitar a terra: Qual o caminho para a fraternidade universal?* Petrópolis: Vozes, 2022. p. 33.



direito de propriedade privada é sempre acompanhado do princípio mais importante e antecedente da subordinação de toda propriedade privada ao destino universal dos bens da terra e, conseqüentemente, ao direito de todos ao seu uso” (123).

Está em jogo, portanto, o padrão civilizatório ou o modelo de sociedade, dinamizado pela lógica do individualismo que tem no mercado, em sua fase global e em sua transformação em critério determinante da sociabilidade, sua expressão e mediação mais emblemáticas e eficazes. Não se trata aqui de uma negação sem mais do mercado, enquanto mecanismo de troca, fundamental em sociedades e economias complexas como as nossas, mas de sua absolutização ou de sua transformação em critério e medida absolutos da economia, da política, da cultura e até mesmo das relações interpessoais e das religiões<sup>13</sup>: “Alguns pretendiam fazer-nos crer que era suficiente a liberdade de mercado para garantir tudo” (33); mas “o mercado, *per si*, não resolve tudo, embora as vezes nos queiram fazer crer nesse dogma de fé neoliberal” (168).

Na verdade, esse modo de conceber, dinamizar e organizar a vida, como indica Francisco no primeiro capítulo da encíclica, além de transformar os esforços de pacificação, integração e desenvolvimento econômico-social pós Segunda Guerra Mundial em “sonhos desfeitos em pedaços”, criou um mundo “sem um projeto para todos”, desenvolveu “globalização e progresso sem um rumo comum”, produziu a “ilusão da comunicação”, gerou “sujeições e autodepreciação” e deixou muita gente “sem dignidade humana nas fronteiras”. Ele atenta contra a fraternidade socioambiental e gera um “mundo fechado” que produz muitas vítimas. Daí seu fracasso ecossocial que se constitui, ao mesmo tempo, como exigência ético-espiritual de construção de um “mundo aberto”, segundo a lógica da fraternidade e a partir das vítimas do atual sistema.

## 2 “Pensar e gerar um mundo aberto”

Frente a um “mundo fechado”, dinamizado pela lógica do *individualismo* (diagnóstico), impõe-se o desafio e a tarefa de construir um “mundo aberto”, dinamizado pela lógica da *fraternidade* (alternativa). Camacho insiste com razão que, “possivelmente, nessa contraposição *fraternidade versus individualismo* está a chave última de toda a

<sup>13</sup> FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*: O caminhar para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. p. 119-121.



encíclica”<sup>14</sup>. Mas nunca é demais recordar que essas expressões são tomadas na encíclica num sentido amplo de configuração e dinamismo das relações pessoais e institucionais. Não se referem simplesmente às relações interpessoais, mas dizem respeito também às macrorrelações sociopolíticas, econômicas, culturais e religiosas.

Tendo destacado “algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” e geram um “mundo fechado” (9), queremos abordar agora o desafio e a tarefa de “pensar e gerar um mundo aberto”, mediante processos pessoais e sociais de vivência e construção da fraternidade. E faremos isso, destacando a densidade teológica ou salvífico-espiritual da fraternidade, bem como alguns desafios no processo de reconstrução da fraternidade no mundo atual.

## 2.1 Densidade salvífico-espiritual da fraternidade

Antes de tudo, é preciso destacar a densidade salvífico-espiritual da fraternidade. Ela está no coração do Evangelho de Jesus Cristo. É que a filiação divina se vive na fraternidade com as pessoas e com o conjunto da criação. O amor a Deus se vive no amor ao próximo. Não há comunhão com Deus sem comunhão com os irmãos. Por isso mesmo, Francisco fala da fraternidade – *Fratelli Tutti* – como uma “forma de vida com o sabor do evangelho” (1). Não é um desvio da fé e da missão da Igreja, mas uma volta ao Evangelho que nos chama à vida fraterna, constitui-nos como comunidade de irmãos e nos envia como fermento, sal e luz de fraternidade, justiça e paz no mundo.

Certamente, a fraternidade é um valor, uma prática, um anseio e uma busca comum a todos os povos e religiões e, por essa razão, constitui-se como lugar privilegiado de encontro, diálogo e cooperação entre as pessoas e os povos. Mas Francisco fala sempre a partir de suas “convicções cristãs”, embora procure fazê-lo “de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade” (6)<sup>15</sup>. Não por acaso, toma como referência ou luz a parábola do “bom samaritano” (Lc 10, 25-37), embora procure apresentá-la “de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela” (56). Ao mesmo tempo que “revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente

<sup>14</sup> CAMACHO, 2021, p. 28.

<sup>15</sup> FRANÇA MIRANDA, Mario de. Fraternidade: Uma noção universal?. *REB* 319 (2021), p. 264-279.



esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor” (68), essa parábola põe-nos diante uma “opção fundamental”: “diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção nos deixa ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido” (67). E o texto vai tirando as consequências e vai concretizando essa “opção fundamental” nos vários níveis e âmbitos da vida humana: das relações interpessoais às macrorrelações institucionais. Universaliza a compreensão de próximo/proximidade (fraternidade aberta a todas as pessoas). Alarga a compreensão e prática do amor fraterno (caridade social e política)<sup>16</sup>.

Formado na escola/tradição espiritual de Inácio de Loyola e retomando pontos fundamentais da reflexão filosófico-teológica de Tomás de Aquino e Karol Wojtila, Francisco afirma que “o ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude ‘a não ser por um sincero dom de si mesmo’ aos outros” (87). Enquanto ser de relação, só existe na relação e só se realiza no encontro com os outros: “Feitos para o amor, existe em nós ‘uma espécie de lei de ‘êxtase’: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser’” (88). Quando esse dinamismo antropológico de “êxtase” é assumido/vivido de modo saudável e consequente, não nos fecha em determinados círculos de relação nem muito menos nos fecha a outros grupos e pessoas, mas, pelo contrário, abre-nos e capacita-nos a “sair de nós mesmos até acolher a todos” (89).

No fundo, esse “dinamismo de abertura e união para com as outras pessoas” não é outra coisa senão “a caridade infundida por Deus” em nós (91). É Deus mesmo agindo/amando em nós: Deus que é Amor amando-nos e amando em nós ou através de nós (1Jo 4,7-21). Daí seu caráter espiritual no sentido mais estrito, radical e pleno da palavra. A tal ponto, diz Francisco, que “a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” – “o maior perigo é não amar” (92)!

Procurando explicar melhor em que consiste essa “experiência do amor”, que “Deus torna possível com sua graça”, Francisco fala com Tomás de Aquino de “um movimento que centra sua atenção no outro, ‘considerando-o como um só comigo mesmo’” (93), e que “impele-nos a procurar o melhor para sua vida” (94). Esse movimento “coloca-nos

<sup>16</sup> CAMACHO, 2021, p. 16-17; PASSOS, 2021, p. 793-795.



em tensão para a comunhão universal”, uma vez que, “por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno da mútua pertença [...]: ‘Todos vós sois irmãos’” (95). Ele “promove as pessoas” (106-111) e o “bem moral” (112-117) e reconhece a “função social da propriedade” (118-127), assegurando “os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos” (122). E tem nos caídos à beira do caminho (pobres, marginalizados, sofredores) seu critério e sua medida ético-escatológicos, como bem indica a parábola do bom samaritano (67, 70, 235).

Tudo isso nos ajuda compreender que a fraternidade, mais que uma atitude moral, é algo profundamente espiritual. Constitui o cerne ou coração da espiritualidade cristã. É o modo mesmo de viver a fé, uma vez que o amor a Deus se vive e se mede no amor aos irmãos. É o caráter e o dinamismo prático-fraternal da fé. A tal ponto, vale repetir, que “a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” – “o maior perigo é não amar” (92). Nesse sentido, ao falar da fraternidade e amizade social, o que Francisco faz é “propor uma forma de vida com sabor do Evangelho” (1).

## 2.2 Reconstrução da fraternidade no mundo atual

O desafio e a tarefa de “pensar e gerar um mundo aberto” é algo bastante complexo: envolve todas as pessoas e forças sociais; necessita de todos os saberes e ciências; abrange todos os âmbitos e dimensões da vida; não se dá de uma vez por todas, mas é uma construção processual e permanente; exige diálogo e cooperação, ousadia e realismo, estratégias e mediações, perseverança e humildade. Não existe receita nem caminho único. O que Francisco faz na Encíclica *Fratelli Tutti* é um convite a sonhar e lutar por um mundo mais justo e fraterno. Faz isso chamando atenção para alguns valores, dinamismos e processos de fraternidade e amizade social presentes em nosso mundo, ainda que de forma muito marginal e normalmente vividos nas margens da sociedade. Reconhecer, assumir, dinamizar e potencializar esses valores, dinamismos e processos é um caminho fecundo e eficaz para viver e configurar o mundo com essa “forma de vida com o sabor do Evangelho” que é a fraternidade (1). Alguns pontos ou aspectos abordados na encíclica parecem-nos, aqui, particularmente relevantes e urgentes:



1. Mais que um problema pontual dentro de um sistema saudável, está em jogo o sistema enquanto tal, isto é, o modo mesmo de conceber, dinamizar e organizar a vida como um todo. É o sistema ou o modo de vida dominante que precisa ser mudado. Nesse sentido, a postura de Francisco é radical (vai na raiz do problema) e sistêmica (percebe a inter-relação de todos os âmbitos e dimensões da vida)<sup>17</sup>: “Se alguém pensa que se trata apenas de fazer funcionar melhor o que já fazíamos, ou que a única lição a aprender [com a pandemia da Covid-19] é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está negando a realidade” (7). A verdadeira alternativa a um mundo dinamizado e configurado pela *lógica do individualismo* (egoísmo, lucro, concorrência, consumo, sucesso, mérito) é a construção de um mundo dinamizado pela *lógica da fraternidade* (abertura, amor, compaixão, diálogo, solidariedade, justiça). E não há aqui nenhum tipo de ingenuidade ou idealismo simplista. Assim como a lógica do mercado não se restringe às macrorrelações econômicas e políticas, mas perpassa e configura todos os âmbitos da vida, tampouco a lógica da fraternidade se restringe às relações interpessoais: “o amor expressa-se não só nas relações íntimas e próximas, mas também nas macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos e políticos” (181).

2. Por se tratar de um problema sistêmico, a construção de um mundo fraterno passa tanto pelas relações cotidianas entre as pessoas (micro/local), quanto pelas estruturas econômicas, políticas e culturais da sociedade e do mundo (macro/global). Não nos iludamos: Não há mundo fraterno sem pessoas fraternas, mas ninguém está imune ao poder das estruturas e instituições da sociedade. A insistência de Francisco, aqui, é dupla: a) o ser humano é um ser de relação e só se realiza no amor: “a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade” (87), “feitos para amar, existe em cada um de nós ‘uma espécie de lei de êxtase’: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser” (88), “a nossa relação, se é sadia, abre-nos aos outros, que nos fazer crescer e enriquecem” (89); b) esse dinamismo relacional-amoroso vale também para a organização das sociedades e do planeta: criar “sociedades abertas que integrem a todos” (97-98), desenvolver o valor e a prática da solidariedade (114-117), garantir a “função social da propriedade” (118-126), assegurando “os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos” (122). Tudo isso numa

<sup>17</sup> BENTO, Fábio Régio. Adeus reformismo: Papa Francisco e a Doutrina Social da Igreja. *Perspectiva Teológica* 50 (2018), p. 509-523.



tensão criativa entre o “sabor local” (143-145) e o “horizonte universal” (146-150) a partir de “baixo” (77-78) e da “própria região” (151-153).

3. Francisco tem insistido muito na urgência de uma “cultura do encontro” (30, 215, 216, 217, 232) que “supere as dialéticas que colocam um contra o outro” em função de “um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque ‘o todo é superior à parte’” (215) e que “exige que, no centro de toda ação política, social e econômica, se coloque a pessoa humana, a sublime dignidade e o respeito pelo bem comum” (232). Frente a uma “cultura individualista e ingênua diante de interesses econômicos desenfreados e da organização das sociedades a serviço daqueles que já têm demasiado poder” (166) que conduz inexoravelmente à “cultura do descarté” (18-21, 188), é preciso recuperar o “valor da solidariedade” (114-117): “como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte de uma multiplicidade de sujeitos que detém responsabilidades de caráter educativo e formativo” (114); “manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros” (115); implica “pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”, “lutar contra as causas estruturais da pobreza” e “fazer face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro” (116).

4. Falando da “caridade social e política” (176-185) e da “atividade do amor político” (186-192), Francisco insiste que a política “não deve submeter-se à economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia” (177), mas deve ser regida “com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo” (178); que a política é “uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum” (180); que é “uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, a partir do interior, as estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos” (183); que “é caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo que se realiza [...] para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento” (186); que “essa caridade, coração do espírito da política, é sempre um amor preferencial pelos menos favorecidos” (187); que é urgente “encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais” (188); que “a política mundial não pode deixar de colocar entre seus objetivos principais e irrenunciáveis o de eliminar



efetivamente a fome”, a “sede”, a falta de “teto” e de “serviços de saúde”, o “tráfico de pessoas”, isto é, aquele “mínimo que não se pode mais adiar” (189).

5. O “amor político” tem uma dupla dimensão: “é sempre um amor preferencial pelos menos favorecidos” (187), mas “expressa-se também na abertura a todos” (190). É a tensão permanente entre universalidade (todos) e parcialidade (pobres) que deve caracterizar tanto as relações interpessoais, quanto as relações estruturais. Não se pode ser ingênuo ou cínico nesse ponto. Toda autêntica universalidade (fraternidade universal) é mediada e medida pela parcialidade (opção pelos pobres): “enquanto nosso sistema econômico-social ainda produzir uma só vítima que seja e enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal” (110); “a inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos” (69). E isso tem muitas consequências: “quando se trata de recomeçar, sempre há de se partir dos últimos” (235); há um “mínimo que não se pode adiar mais” (189); “os planos de assistência [...] deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias” (161) – “a grande questão é o trabalho” (162); é preciso redescobrir a força e o potencial de fraternidade daquela “solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem, entre os pobres” (116) e dos “movimentos populares” – verdadeiros “poetas sociais” que “trabalham, propõem, promovem e libertam” (169).

6. O processo de globalização econômica do mundo levou a uma “perda de poder dos Estados nacionais, sobretudo porque a dimensão econômico-financeira, de caráter internacional, tende a prevalecer sobre a política” (172). Neste contexto, é necessário “reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças”, mas que esteja centrada e fundada na “dignidade humana” (168), que esteja “a serviço do verdadeiro bem comum” (154) e que tenha como preocupação primeira e maior “o fenômeno da exclusão social e econômica” (188). É fundamental desenvolver um ordenamento político mundial eficaz pautado nos direitos humanos e a serviço do bem comum mundial: “precisamos que um ordenamento jurídico, político e econômico mundial ‘incremente e guie a colaboração internacional para o desenvolvimento solidário de todos os povos’ (138); “torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial [...] regulada pelo direito” (172); “requer-se coragem e generosidade para estabelecer livremente



certos objetivos comuns e assegurar o cumprimento em todo o mundo de algumas normas essenciais” (174). Trata-se de um ponto recorrente nas últimas encíclicas sociais, mas que se tornou cada vez mais urgente e impostergável.

7. Por fim, Francisco fala da importância e da contribuição das religiões e do diálogo entre as religiões para a “construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade” (271)<sup>18</sup>. Não se trata de mera “diplomacia, amabilidade ou tolerância”, mas de “estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais em espírito de verdade e amor” (271). Para os crentes, o “fundamento último” da fraternidade universal é a filiação divina (272-274). E para os cristãos, a referência fundamental é sempre o Evangelho de Jesus Cristo: “Outros bebem de outras fontes. Para nós, essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo” (277). Os crentes das mais diversas religiões precisam “encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e pela promoção dos mais pobres” e são desafiados a retornar às “fontes” da fé e se concentrarem no “essencial” que é “a adoração a Deus e o amor ao próximo”, evitando que alguns aspectos da sua doutrina “acabem por alimentar formas de desprezo, ódio, xenofobia, negação do outro” (282). Francisco insiste que “o culto sincero e humilde a Deus ‘não leva à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e pela liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos” (283).

Em um “mundo fechado” (lógica do egoísmo), importa iniciar, dinamizar, potencializar e articular processos de fraternidade em todos os níveis e âmbitos da vida e, com isso, ir gestando um “mundo aberto” (lógica da fraternidade).

## Conclusão

Ao mesmo tempo em que constitui a inspiração e a referência fundamentais da CF 2024, a Encíclica *Fratelli Tutti* alarga os horizontes de sua abordagem no Texto Base, tanto no que se refere ao diagnóstico da realidade atual, quanto no que se refere aos caminhos de superação dessa realidade. É que “egoísmo” e “fraternidade” dizem respeito não

<sup>18</sup> SANCHEZ, Wagner Lopes. A Encíclica *Fratelli Tutti* e o diálogo inter-religioso. *Revista Eclesiástica Brasileira* 319 (2021), p. 280-294.



apenas às relações interpessoais e aos valores e dinamismos culturais, mas também às macrorrelações sociopolíticas e econômicas. Importa articular bem esses dois aspectos em sua irredutibilidade e mútua implicação: relações interpessoais e relações estruturais. Não nos iludamos: Sem pessoas fraternas não há nem haverá sociedade fraterna. Mas a recíproca também é verdadeira: Uma sociedade regida pela lógica do egoísmo, que se materializa também nas macrorreações políticas e econômicas, além de negar a fraternidade a muita gente (índices de pobreza e miséria, política econômica, estrutura fundiária, política tributária etc.) e ser um grande obstáculo à vivência da fraternidade, facilmente seduz e corrompe as pessoas, por mais bem intencionadas que sejam.

Na verdade, a construção da fraternidade passa tanto pelas relações interpessoais, quanto pelas relações sociopolíticas, econômicas e culturais. Conseqüentemente, o chamado à conversão que caracteriza a espiritualidade e a liturgia quaresmais tem uma dimensão pessoal (conversão do coração) e uma dimensão social (transformação da sociedade). E é aqui, precisamente, que se insere a CF, denunciando o pecado social, chamando à conversão social e recordando e insistindo na dimensão social da fé e da missão evangelizadora da Igreja. Mas o social precisa ser tomado no seu sentido amplo e complexo, como aparece na Encíclica *Fratelli Tutti*, abrangendo não só as relações interpessoais e culturais, mas também as macrorrelações políticas e econômicas.

## Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco. “Novas” Diretrizes da Ação Evangelizadora: “Ajuste pastoral”!?!?. *Revista Eclesiástica Brasileira* 284 (2011), p. 926-931.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. *Perspectiva Teológica* 51 (2019), p. 539-554.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. *Encíclicas sociais: Um guia de leitura*. São Paulo: Paulinas, 2023.

BENTO, Fábio Régio. Adeus reformismo – Papa Francisco e a Doutrina Social da Igreja. *Perspectiva Teológica* 50 (2018), p. 509-523.

BOFF, Leonardo. *Habitar a terra: Qual o caminho para a fraternidade universal?* Petrópolis: Vozes, 2022.



CAMACHO, Ildefonso. Encíclica sobre la fraternidade: Guía para la lectura. *Proyección LXVIII* (2021), p. 9-29.

CAMACHO, Ildefonso. Leyendo Fratelli Tutti desde Europa. *Revista Iberoamericana de Teología*. Vol. XVIII, N. 34 (2022), p. 81-103.

CNBB. *Eras Tu, Senhor?* Texto Base: Campanha da Fraternidade 1995. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994. p. 87-89.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2024*: Texto Base. Brasília: CNBB, 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*: O caminhar para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANÇA MIRANDA, Mario de. Fraternidade: Uma noção universal?. *Revista Eclesiástica Brasileira* 319 (2021), p. 264-279.

FREITAS, Maria Carmelita. *Uma opção renovadora*: A Igreja no Brasil e o planejamento pastoral – Estudo genético-interpretativo. São Paulo: Loyola, 1997.

NODARI, Paulo César. *Fraternidade e amizade social*: Uma introdução à leitura da Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2022.

PASSOS, João Décio. *Fratelli Tutti*: Uma encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes. *Horizonte* 59 (2021), p. 782-801.

PRATES, Lisaneos. *Fraternidade libertadora*: Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANCHEZ, Wagner Lopes. A Encíclica *Fratelli Tutti* e o diálogo inter-religioso. *Revista Eclesiástica Brasileira* 319 (2021), p. 280-294.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das ceb's no Brasil*: Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.